

**Páginas da Vida: a produção de relato autobiográfico  
como ponto de partida para a pesquisa científica,  
produção de texto e socialização de conhecimento.**

Gisane Márcia Carvalho Dinnouti  
EMEF Profa Sylvia Simões Magro  
Projeto Ciência na Escola LEIA/FE/Unicamp.

## **1. Introdução**

Qual deve ser o ponto de partida para um trabalho de pesquisa? Depende do objeto a ser pesquisado? Depende do sujeito que pesquisa? Perguntas como essas podem ser vistas como conceituais e filosóficas sobre o trabalho com pesquisa científica realizados em instituições que, por definição, trabalham com pesquisa e produção de conhecimento: as universidades. Porém, esse artigo demonstra que a preocupação com “*o que pesquisar*” e “*quem é o sujeito pesquisador*” está intimamente ligado ao trabalho do professor e do aluno que pesquisa também no ensino fundamental.

Para começar, devemos lembrar que os questionamentos ora colocados são frutos do trabalho com o Projeto Ciência na Escola (LEIA/FE/Unicamp). Esse projeto acontece em diferentes escolas da rede municipal e estadual públicas no município de Campinas, estado de São Paulo e tem por objetivo incentivar o aprendizado no ensino fundamental e médio através de projetos que utilizam a metodologia da pesquisa científica. Assim, no início do ano letivo, os professores envolvidos no projeto, juntamente com seus alunos, procuram estabelecer um tema a ser pesquisado, bem como definir as “perguntas de pesquisa” que nortearão o trabalho. A equipe de professores envolvidas no projeto, em geral, é interdisciplinar.

Em nossa escola, a EMEF Profa Sylvia Simões Magro, a equipe que trabalha juntamente com o projeto Ciência na Escola é o grupo de professores das quintas séries. O grupo de professoras se reúne semanalmente para tratar de questões referentes ao trabalho com as quintas séries de nossa escola e dessa forma planeja ações, atividades e projetos em conjunto para atender às necessidades específicas dessas turmas. A parceria entre um projeto acadêmico e um grupo de professores com o seu universo de desafios cotidianos permitiu aflorar questões que realimentam o contínuo da atividade de pesquisa que se processa em todos os níveis: os alunos pesquisam temas que os ajudam a reconstruir o conhecimento, os professores no grupo de quintas séries pesquisam as necessidades e as dificuldades dos alunos no processo de pesquisa e aprendizagem e os professores no projeto pesquisam e refletem sobre a utilização da metodologia da pesquisa científica no trabalho com os alunos e na sua própria formação em serviço.

Para melhor visualização, o esquema a seguir descreve a dinâmica desse procedimento:

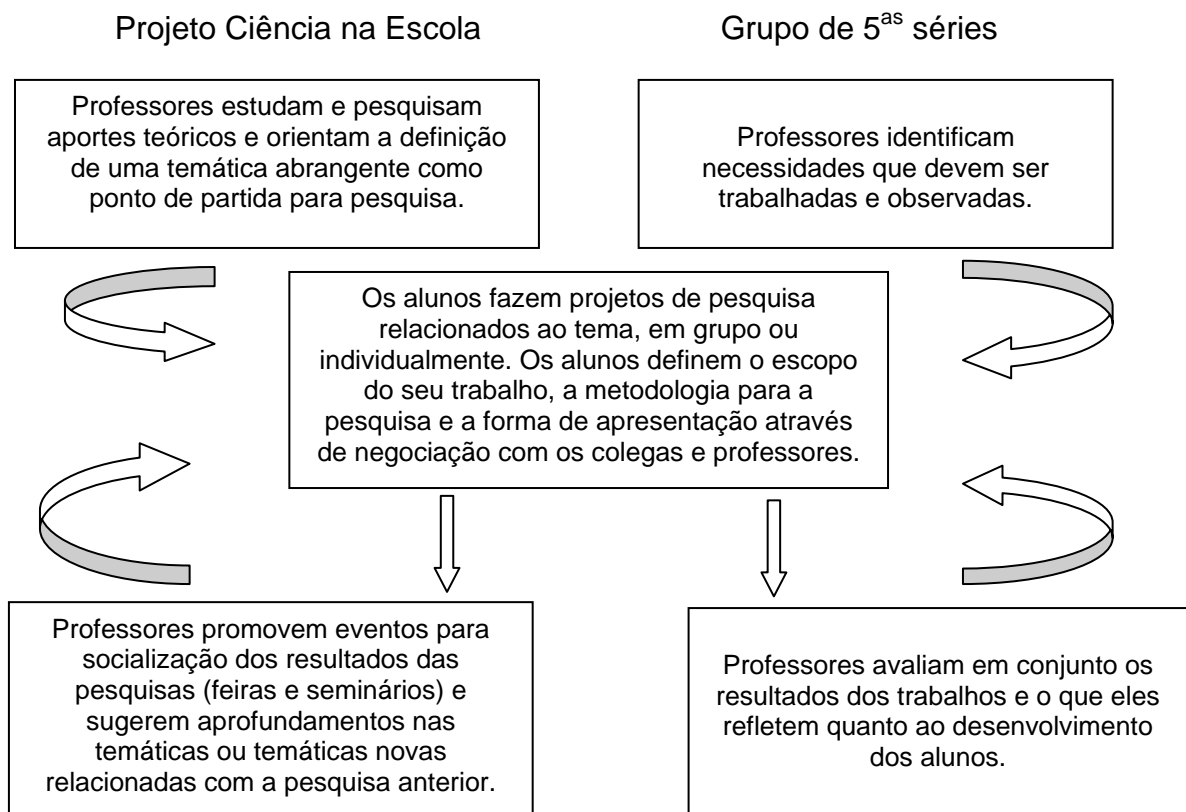


Figura 1: Parceria entre o Projeto Ciência na Escola e o Grupo de 5ªs séries

Dentro deste contexto surgem questões interessantes: como iniciar o trabalho de pesquisa com alunos de quintas séries quando identificamos tantas necessidades de letramento e dificuldade de compreensão do mundo que os cerca? Como “negociar” com os alunos sobre temas, prazos, metodologia de trabalho quando eles não estão acostumados a tomar essas decisões? Como fazê-los entender a necessidade de uma organização metodológica mesmo para realizar algo que é do interesse deles? Como demonstrar que o conhecimento não é algo *pronto* que um professor está prestes a transmitir, mas algo passível de interação e reconstrução por parte dele mesmo, o aluno? Como dirigir, orientar, ensinar e ao mesmo tempo dar liberdade para a criação e a criatividade?

São perguntas que procuram respostas a cada dia de trabalho e os caminhos são descobertos somente durante o percurso. Em um desses percursos surgiu a idéia de aproximar ao máximo o objeto de pesquisa ao contexto do sujeito pesquisador. Assim, surgiu a proposta de convergência entre objeto de pesquisa e sujeito pesquisador: Por que não usar como ponto de partida para a pesquisa a história de vida do próprio aluno? Com isso poderíamos atingir vários objetivos em um só trabalho, tais como, conhecer melhor o aluno que está iniciando a quinta série, tanto o seu contexto social, familiar e psicológico quanto sua capacidade de leitura e produção escrita e introduzir conceitos da metodologia da pesquisa científica e até mesmo a linguagem própria a este tipo de trabalho.

## **2. Fundamentação Teórica**

A proposta inicial do trabalho foi trazer para o aluno a sua história como objeto de estudo e, ao mesmo tempo, valorizar sua função de autor na realização do trabalho de pesquisa, ainda que haja uma metodologia a ser seguida. Não podemos, entretanto, falar de autoria sem situar a função do sujeito-autor como colocada por Foucault.

Em *A ordem do discurso*, Foucault (1996) estabelece que o autor é o princípio de agrupamento do discurso, unidade e origem de suas significações. A noção de autor se dá como uma função da noção de sujeito: ele organiza o sentido e organiza o texto, dando-lhe unidade, e assim se consegue que o sujeito apareça como um contínuo. Utilizamos as teorias discursivas para compreender a produção escrita desses alunos porque focalizam os sujeitos que realizam o discurso ao invés de analisar a língua como um sistema independente daqueles que a utilizam. A língua não é vista como um sistema abstrato, homogêneo e não identificado com o momento da enunciação. O discurso, porém, toma o lugar da língua como o objeto teórico, e é tido em primeiro lugar como um “lugar de reflexão”. É o lugar onde acontece um processo de significação no qual estão presentes a língua, a história, em suas materialidades, e o sujeito, devidamente interpelado pela ideologia (Althusser, 1983). É um lugar de produção de sentidos em cuja materialidade discursiva se confrontam o lingüístico e o ideológico (Pêcheux, 1990). É, portanto, neste lugar de reflexão e produção de sentidos que colocamos nossa análise e interpretação dos textos.

Como orientação metodológica para a o desenvolvimento do projeto Ciência na Escola, nós utilizamos a fundamentação encontrada em Zeichner (1993), Elliot (1990) e Carr e Kemmis (1998) e Thiollent (2000).

Em Thiollent temos a seguinte definição de pesquisa-ação:

*“a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo”* (Thiollent, 2000).

Partindo desses pressupostos teórico-metodológicos que realizamos o projeto descrito a seguir.

## **3. Metodologia e Desenvolvimento do Projeto**

Como professora de Língua Portuguesa, o meu trabalho é preparar os alunos para que, em um contexto interdisciplinar, eles possam usar a língua portuguesa como instrumento para a aquisição de conhecimento, formação de opinião e veículo de divulgação dos resultados de pesquisa. Desta forma surgiu o projeto de produção de um relato auto-biográfico em forma de livro. Desde então, este trabalho foi feito há três anos consecutivos: 2005, 2006 e 2007. O livro pode ter um título escolhido pelo aluno, mas o projeto já teve alguns nomes, como “Minhas

Recordações” e, neste ano, “Páginas da Vida” (sugestão de um aluno em referência à novela da rede Globo). Com a produção do livro, inicia-se o trabalho de pesquisa a partir da investigação do aluno de seu próprio universo e se coloca como objeto de estudo de sua própria pesquisa.

Iniciamos o trabalho de pesquisa, seja qual for o tema, com uma sensibilização quanto à importância do tema e mostrando alguns exemplos do que já foi feito para abordar o tema. No caso do relato auto-biográfico, começamos com textos que incentivavam a reflexão sobre quem somos nós, de onde viemos, o que gostamos e proporcionamos momentos em que os alunos pudessem se expressar sobre quem eles são através de desenhos e em grupos. Não somente na aula de Português, mas nas aulas de Ciências e História que falam sobre a origem do Universo e nas aulas de Geografia, o tema “quem somos nós” é revisitado. Neste ano, vale ressaltar também a leitura do texto “Jurema, a cigarra”, da autora Nye Ribeiro, que fala sobre a “dor de crescer”. Esse texto gerou uma discussão sobre as mudanças que os alunos sofrem ao entrar na adolescência e ao iniciar a quinta série.

Após a sensibilização, mostramos a idéia da produção do relato auto-biográfico seguindo uma determinada estrutura que deve ser seguida por todos:

- Capa
- Ficha Técnica
- Índice
- Apresentação e dedicatória
- Epígrafe
- Capítulo 1 “Assim começa a minha história”
- Capítulo 2 “Minha primeira infância”
- Capítulo 3 “Minhas lembranças de 1ª à 4ª séries”
- Capítulo 4 “Agora já sou um adolescente”
- Capítulo 5 “Meus sonhos para o futuro”

Anexos: Minha vida em números,  
Linha do tempo  
De onde somos?  
Biometria e saúde  
*Family Tree*

O livro começa pela produção dos capítulos que são definidos em conjunto com a turma. Elaboramos, também com a turma, um questionário que orientará a pesquisa de cada aluno. Nós discutimos quais são as fontes que devem ser utilizadas e qual seria a melhor forma de registrar as informações iniciais. O objetivo é realizar cada etapa de forma organizada e seguindo uma metodologia para iniciar os alunos à metodologia de pesquisa científica. Por exemplo, o texto do primeiro capítulo é preparado a partir de um questionário que, geralmente, contém as seguintes perguntas:

- Qual é o seu nome? Como o seu nome foi escolhido?
- Onde você nasceu? Como estava o dia em que você nasceu?

- Quanto você media? Quanto você pesava? Como foi o parto?
- Você foi um bebê bonzinho? Chorava bastante? Dormia bastante?
- O que sua família lembra de você quando bebê?
- Quais foram as suas primeiras palavras?
- Quando você começou a andar?
- Como é formada a sua família atualmente?

Como em todo trabalho, há ajustes de acordo com a história de vida de cada um. Há alunos que perderam sua família original e, conseqüentemente, dados da fase inicial de sua vida. Com esse alunos, fazemos um trabalho individual que pretende, principalmente, delimitar o que os próprios alunos querem contar sobre a sua história. Apesar da existência de um “formato” para o livro, há alunos que preferem fazer o relato a partir de outros pontos e não aqueles pré-determinados. De acordo com a nossa “negociação” os ajustes são feitos.

Os capítulos são entregues em forma de redação, são corrigidos e comentados. Os alunos têm, então, que “passar a limpo” para a folha definitiva, fazer as correções indicadas, fazer desenhos e ilustrações, pesquisar uma “epígrafe” que se adapte à idéia do livro, colocar as folhas em ordem e entregar para a encadernação final. Todo esse processo começa a mostrar-lhes a necessidade de organização, seleção de material, responsabilidade no desenvolvimento do projeto e participação ativa na produção de um resultado.

Vale ressaltar que neste ano trabalhamos de forma interdisciplinar na produção dos “anexos”. Cada parte foi proposta e elaborada por um professor de uma disciplina, procurando abordar - a partir do seu campo de conhecimento – a história de vida dos alunos. A professora de Matemática, Cleuza M. T. M. Lopes, propôs o trabalho com o tema “A minha vida em números”, em que o aluno fez cálculos e observou a importância dos números no seu cotidiano. Em Inglês foi trabalhada a “*Family Tree*”, onde o aluno montava sua árvore genealógica com a professora Maria de Lourdes Diniz usando termos em inglês. Em História, a professora Arlete Favaretto orientou na montagem da linha do tempo baseada em fatos da vida dos alunos. Em Geografia, a professora Cleide Onéia Oliveira ajudou os alunos a identificar a origem de seus parentes próximos e a localização dessas cidades e estados no mapa. Em Ciências e Educação Física os alunos foram medidos e pesados pelas professoras Lúcia Helena Baccaglini e Júlia R. Regineli e fizeram um levantamento com a família sobre questões relativas a sua saúde. Em Artes, os alunos criaram desenhos e ilustrações para a montagem final do livro com a professora Raquel Zago.

Para finalizar o trabalho, já por duas vezes promovemos uma “tarde de autógrafos”, isto é, uma festinha na turma em que os pais ou responsáveis são convidados e os alunos expõem o resultado final do seu trabalho. Nesse momento, os pais recebem um texto explicativo do projeto e nesta folha há um espaço para que os pais ou responsáveis “peçam o autógrafo” do aluno, agora escritor. É um momento esperado pelos alunos que se tornam o centro das atenções e podem sentir o prazer pelo trabalho realizado.

#### 4. Análise da produção dos textos

O presente artigo não pretende realizar uma análise profunda do material produzido pelos alunos do ponto de vista linguístico e discursivo. Porém, já podemos perceber três aspectos importantes como resultado deste trabalho, como destacaremos a seguir.

1. *O sujeito-autor-pesquisador aproveita a oportunidade da escrita para expressar sua subjetividade.*

Pode-se pensar que ao seguir um modelo fechado, apresentado pelo professor e cobrado através de normas e correções, orientado por um questionário, o aluno-escritor somente seguiria a fórmula e os textos correriam o risco de serem repetitivos e sem originalidade. Porém, constatamos que os alunos gostam de imprimir sua marca, seu estilo, e tem sua subjetividade revelada mesmo em espaços bem delimitados. Observe-se o seguinte trecho retirado da seção “Agradecimentos e Dedicatória”, uma seção que segue um padrão bem definido:

*“Agradeço, principalmente, a minha mãe que está sempre do lado para o que der e vier e ao meu pai que me ensinou a não gastar tanto a matemática <sup>1</sup> porque as coisas podem ser bem melhores do que a gente pensa.”*

Além de usar expressões típicas da oralidade neste trecho, a aluna-autora não teve receio de expressar sua dificuldade com a matéria de Matemática, mesmo sabendo que o texto poderia ser lido pela professora de Matemática. São muitos os exemplos em que os alunos dão suas opiniões sobre a família, sobre suas vidas. Eles não apenas relembram ou resgatam uma história contada pela família, mas também avaliam esses momentos e expressam sua visão sobre a situação.

O seguinte exemplo demonstra que a própria seleção do que pode ser dito e o que deve ser silenciado está presente no momento da produção do texto. Este trecho foi retirado do capítulo II, “A história da minha infância”. A proposta seria resgatar com a família e relembrar fatos acontecidos entre 1 a 7 anos.

*“Eu não tenho pais, mas eu sinto a falta deles todos os dias, eu penso neles, mas eu penso: será que eles pensam em mim? Eu já fui a um abrigo que é igual a um orfanato, lá vão as crianças que não têm pai nem mãe. Sabe quem me tirou de lá? Meus pais de verdade: minha tia, meu avô e minha avó. Eu não sei nem o nome do meu pai, nunca vi a cara dele. Eu só vi a cara da minha mãe em foto, mas nunca falei com ela. Mudando de assunto, eu estou na 5ª série, tomara que esse ano eu não repita. E isso é tudo o que eu já passei na minha infância.”*

Quando o aluno-autor diz “mudando de assunto” o que ele quer é uma forma de dar um ponto final a uma descrição de sentimentos que o angustiam e

---

<sup>1</sup> Pela explicação da aluna-autora: “não se importar muito para a dificuldade em aprender a Matemática”.

entristecem. Ele procura desviar a atenção do leitor para outro fato e outro problema: agora ele está na 5ª série e ele tem medo de ser reprovado. Assim, o sujeito-autor, através do dito e do interdito revela mais do que somente sua história: seus medos e sua subjetividade.

*2. A expressão de autoria, extrapola o texto escrito e se dá através de imagens, ilustrações e intertextos.*

Os alunos-autores foram desafiados a encontrar uma “Epígrafe” para o seu trabalho. Alguns procuraram através da Internet em nossas aulas de informática, outros pesquisaram em livros da biblioteca e houve alunos que procuraram escrever sua própria epígrafe. O texto escolhido, portanto, passou por um processo de análise, apreciação e seleção, o que remete a possibilidade de co-autoria do nosso aluno-autor com o verdadeiro autor da epígrafe. Há o exemplo do que fez o aluno Gabriel: ele trocou o título de um poema conhecido para o título “Um menino que se chama Gabriel” e não mencionou o autor real do poema. O aluno-autor se identificou e se apropriou das palavras do autor Ferreira Gullar que o aluno conheceu na voz do cantor Fagner na música “Traduzir-se” que diz:

*Uma parte de mim*

*é todo mundo*

*Outra parte é ninguém,*

*fundo sem fundo*

*Uma parte de mim*

*é multidão*

*Outra parte estranheza e solidão*

*Uma parte de mim*

*pesa, pondera*

*Outra parte delira*

*Uma parte de mim almoça e janta*

*Outra parte se espanta*

*Uma parte de mim é permanente*

*Outra parte se sabe de repente*

Até que ponto esse aluno compreendeu o texto lido? O que o atraiu no texto? O que fez com que ele se apropriasse das palavras desse autor de forma radical até apagando a fonte original? O importante aqui não são as respostas a essas perguntas, mas a necessidade de expressão concretizada através da colocação desse texto como epígrafe de um relato auto-biográfico. O aluno-autor se revela, mais uma vez. Desta vez, utiliza o recurso da intertextualidade.

Os alunos também gostam de desenhar na margem das folhas, copiar desenhos, colar fotografias, colocar purpurina, laços de fitas, flores, figuras de carros, enfim, através de imagens e representações pictóricas os alunos demonstram sua criatividade e estilo. Os detalhes da confecção final do livrinho

demonstram a necessidade de se expressar além das palavras. Alguns alunos deram mais atenção aos “acabamentos” na produção do livrinho do que na escrita do texto em si. Essa busca pela beleza não diminui a importância da produção escrita, mas demonstra outras formas pelas quais o aluno procura imprimir sua autoria no resultado final do trabalho. Talvez, também demonstre a vontade de utilizar outras formas de expressão com as quais o aluno se sente mais confiante do que a própria produção escrita.

*3. Dar uma forma à expressão do aluno pode significar dar uma chance para o aluno se expressar.*

Inicialmente, receávamos o cerceamento da expressão do aluno através das limitações que a proposição metodológica poderia impor. Porém, a proposta da produção de um relato auto-biográfico, a proposta da produção de uma pesquisa científica, não precisa, necessariamente, ser um fator limitador de originalidade do aluno-autor. Ao contrário, dar novos leitores para o texto escrito, dar novos espaços para a veiculação da sua expressão, significa dar ouvidos à voz do aluno. Pode significar também abrir novos caminhos para a valorização do conhecimento prévio do aluno ou do conhecimento por ele (re)construído.

O aluno que experimenta o prazer de ser ouvido tem a possibilidade de aprender a gostar de ouvir. O aluno que aprende e apreende a escrita dá valor a escrita dos outros. Por essas razões, optamos por deixar a correção dos erros e a refacção para um segundo momento. Primeiro o aluno precisa escrever, ser ouvido, contar sua história. Como professora de português, tenho o hábito de ler os trabalhos dos alunos com um lápis na mão. Entretanto, aprendi que preciso dar um tempo para ouvir o que o meu aluno tem a dizer se não corro o risco de só ter textos em minha mão que serão como as redações de prova: escritos para agradar ao professor e ganhar nota. Assim, guardo o lápis para a segunda fase do trabalho: a correção e o ensino das normas. Ao final da primeira parte desse trabalho, temos um material rico e revelador que serve como referencial para o trabalho com a escrita dos alunos.

Os alunos lêem os livros uns dos outros, dão palpites, falam do que não entenderam do que gostaram. Enfim, a escrita cumpre sua função social bem maior do que aquela encontrada nas minhas propostas de redação usuais.

### **Conclusão**

Esse artigo descreveu a parceria de trabalho do projeto Ciência na Escola LEIA/FE/Unicamp) com o grupo de professores de quintas séries da EMEF Profa Sylvia Simões Magro na realização do projeto que resultou na produção de um relato auto-biográfico como ponto de partida para a pesquisa científica, produção de texto e socialização de conhecimento.

Foi descrita a metodologia aplicada bem como o desenvolvimento do trabalho. Os principais resultados encontrados a partir da análise das produções dos alunos são:

1. *O sujeito-autor-pesquisador aproveita a oportunidade da escrita para expressar sua subjetividade.* Mesmo com um modelo determinado de produção escrita a seguir, o aluno expressa sua identidade e percepção da vida através da sua produção escrita.

2. *A expressão de autoria, extrapola o texto escrito e se dá através de imagens, ilustrações e intertextos.* A utilização de figuras, imagens e outros textos na produção escrita revela a necessidade e a busca por outras formas de expressão que não sejam somente a produção escrita do aluno-autor.

3. *Dar uma forma à expressão do aluno pode significar dar uma chance para o aluno se expressar.* Apresentar um modelo pode ser uma forma de facilitar a expressão individual, encaminhar a expressão do aluno e não apenas cercear a criatividade e a originalidade.

Para terminar, gostaria de finalizar este artigo com as duas únicas estrofes que o aluno Gabriel preferiu não colocar em sua epígrafe. Por quê? Não sei. Mas aproveito para tentar explicar minha própria perplexidade diante da minha relação como professora-autora-pesquisadora:

*Uma parte de mim é só vertigem  
Outra parte linguagem*

*Traduzir uma parte na outra parte  
Que é uma questão de vida e morte  
Será arte ?*

### **Referências Bibliográficas**

CARR, W. e KEMMIS, S. *Teoría Crítica de La Enseñanza – la investigación-acción en la formacion Del professorado*. Trad. J. A. Bravo. Barcelona, Martinez Roca.

ELLIOTT, J. *La investigacio-accion en educación*, Ediciones Morata, SA, Madrid, 1990

FOUCAULT, Michel. “*A Ordem do Discurso*”, 2ª ed. São Paulo, Edições Loyola, 1996.

PÊUCHEUX, Michel – *Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio*. Campinas, Editora da Unicamp, 1998.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da Pesquisa-ação*. Cortez, 10ª edição, São Paulo, SP, 2000

ZEICHNER, K. *A formação reflexiva de professores: Idéias e práticas*. Lisboa: Educa., 1993